

SOCIEDADE PARANAENSE DE PSICODRAMA

SOCIOMETRIA COMO
FUNDAMENTO TEÓRICO
DO PSICODRAMA

CURITIBA
2006

SUMÁRIO

SUMÁRIO	ii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
EPÍGRAFE	vi
1 – INTRODUÇÃO	01
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	05
2.1 – O Projeto sacionômico de J. L. Moreno	05
2.1.1 – Definição, conceitos e ramificações	05
2.1.2 – Teoria da Espontaneidade - criatividade - conserva cultura	07
2.1.3 – Teoria do Momento	09
2.1.4 – Teoria dos Papéis	12
3 – METODOLOGIA	15
4 – SOCIOMETRIA COMO CIÊNCIA INERENTE AO PSICODRAMA	17
4.1 – Histórico comentado da sociometria dentro do psicodrama	19
4.2 – Sociometria	22
4.2.1 – Definições e conceitos	22
4.2.2 – Fundamentos da sociometria	25
4.2.3 – Teoria das relações interpessoais	30
4.2.4 – O átomo cultural	32
4.2.5 – Ciência da ação	33

4.2.6 – O teste sociométrico - o sociograma	34
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo aproximar os terapeutas psicodramatistas das teorias socionômicas e sociométricas. O estudo é desenvolvido, mediante pesquisa bibliográfica e análise do texto teórico e conceitual, principalmente dos escritos de Jacob Levy Moreno, em confrontação com a realidade prática e observações pessoais. Também, é objeto do trabalho a demonstração teórica da indissociabilidade entre Psicodrama e Sociometria. Por fim, abordam-se os principais conceitos Socionômicos e Sociométricos, um panorama histórico da Sociometria e correlações entre teoria e prática.

ABSTRACT

The present work has as main objective to approach the psicodramatist therapists of the sociomyics and sociometrics theories. The study it is developed, by means of bibliographical research and analysis of the theoretical and conceptual text, mainly of the writings of Jacob Levy Moreno, in confrontation with the practical reality and personal comments. Also, the theoretical demonstration of the indissociable between Psicodrama and Sociometria is object of the work. Finally, the main concepts Sociomyics and Sociometrics are approached, a historical panorama of the Sociometria and correlations between practical and theory.

EPÍGRAFE

*“Quanto melhor o terapeuta
conheça o sociograma objetivo e
perceptual do grupo, tanto
melhores serão suas
probabilidades de escolher um
protagonista com quem os outros
participantes possam identificar-
se facilmente”.*

Jacob Levy Moreno

1 – INTRODUÇÃO

Pretende-se apresentar neste trabalho a importância do estudo sociométrico dentro do Psicodrama de grupo. Ressalta-se que o Psicodrama individual e o bipessoal apareceram como adaptações a determinados clientes e terapeutas. Tais adaptações fogem da filosofia (inicial ou básica) do Psicodrama. Moreno afirmou: “O Psicodrama é uma terapia profunda de grupo, começa onde termina a psicoterapia de grupo e a amplia para fazê-la mais efetiva”. (MORENO *apud* BUSTOS, 1979, p. 58).

Neste sentido, tenho observado que o conteúdo teórico referente a sociometria tem sido relegado a um plano que não reflete toda a sua abrangência.

Tal afirmação pode ser depositada, primeiramente, à própria formação profissional estabelecida pelos currículos universitários, uma vez que a teoria freudiana domina sobremaneira os cursos de habilitação profissional. BUSTOS (1979) afirmou que “um dos mais sérios problemas que nós, psicodramatistas, enfrentamos é a conexão entre a teoria moreniana e a técnica psicodramática, pois a maioria de nós teve uma formação psicanalítica.” (BUSTOS, 1979, p. 14)

Por outro lado, a ansiedade produzida pela entrada na vida profissional impele novos terapeutas ao imediatismo da aplicação de técnicas terapêuticas em detrimento ao aprofundamento teórico e a consequente otimização terapêutica.

Assim, o Psicodrama reduz-se a técnicas básicas (duplo, espelho, solilóquio etc) que, cumpre ressaltar, não são menos importantes, porém, existe um marco teórico que oportuniza a investigação e compreensão das relações e vínculos existentes dentro da estrutura de um grupo. Este marco teórico é a Sociometria.

Há um conjunto de elementos que agrupa a base da teoria sociométrica. Um dos procedimentos técnicos é o Psicodrama. Para BUSTOS (1979), a falta de uma ordenação na formulação da teoria dispersou tais elementos.

Esta falta de ordenação causa, também, dificuldades no estabelecimento de uma cronologia exata dos acontecimentos e confunde até mesmo autores experientes.

BUSTOS (1979) já identificava a utilização isolada do *role-playing*, ou o teste sociométrico, ou Psicodrama, dentro de esquemas referenciais diferenciados: “Acredito que isto é responsável pelo surgimento de tantas formulações teóricas que não partem da teoria sociométrica para enriquecê-la: isolam sociometria e psicodrama e imprimem a este uma teoria diferente”. (BUSTOS, 1979, p. 25)

Ora, BUSTOS (1979) está afirmando, categoricamente, a indissociabilidade de Sociometria e Psicodrama.

A Sociometria nasceu para servir ao propósito de investigação das relações interpessoais preocupando-se com o social e a dinâmica dos grupos, incluindo todos os elementos teóricos que sustentam a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. Portanto, vê-se bem que o distanciamento da sociometria nos psicodramas de grupo deve ser eliminado, aproveitando-se de todos os recursos que ela nos dispõe. Através da investigação, transparece a dinâmica do indivíduo e do grupo.

MORENO (1994) não foi menos enfático que BUSTOS (1979) ao afirmar a necessidade da avaliação das relações interpessoais:

A avaliação de relações interpessoais, bem como a produção experimental de interação social nunca foram tratados com seriedade. O que resta a ser investigado em uma sociedade, se os próprios indivíduos que a compõe e seus relacionamentos forem considerados de modo fragmentado ou por atacado? Para expressar isto de modo mais positivo, os próprios indivíduos e sua inter-relações devem ser tratados como estrutura nuclear de toda situação social. (MORENO, 1994, p. 157)

Verifica-se hoje tentativas, tanto intelectuais como práticas, do resgate da teoria sociométrica dentro dos planos psicodramáticos, didáticos e literários. Este trabalho pretende colaborar neste sentido: o resgate da Sociometria como teoria indissociável da técnica psicodramática no sentido de auxiliar os processos terapêuticos desenvolvidos durante a formação de terapeutas psicodramatistas, bem como demonstrar a importância do referido marco teórico para o perfeito entendimento conceitual e prático das teorias sionômicas.

Em contrapartida, pretender uma conceituação exata e definitiva sobre o que seja Sociometria é tarefa que demandaria, talvez, um estudo científico único e

trabalhoso. Não é o objetivo do presente trabalho. No momento, apresenta-se um panorama geral sobre o tema, e pretende-se aproximar os terapeutas de uma construção terapêutica mais efetiva.

A sociometria é uma intervenção terapêutica (não apenas uma mensuração objetiva) com o propósito de promover a escolha pessoal e favorecer o insight dos processos físicos, biológicos, sociais e psicológicos que os predeterminam, e que podem situar-se amplamente fora do domínio da livre escolha. (CARLSON-SABELLI, SABELLI e HALE *apud* HOLMES, KARP e WATSON, 1998, p. 190)

Os conceitos, definições e panorama aqui utilizados servem, antes, para aproximar e estabelecer um vínculo indissociável entre a Sociometria e o Psicodrama.

Para tanto, utilizei uma linha de pensamento muito próxima da estabelecida por Moreno, no sentido de constituir tópicos relacionados diretamente à estrutura fundamental definida em “*Quem Sobreviverá?*”, ou seja, a ordem em que as informações estão dispostas naquele livro. A partir disto, o estabelecimento da conectividade entre Sociometria e Psicodrama, utilizando os tópicos que avaliei preponderantes para a tarefa.

Neste sentido, não se encontra neste trabalho a totalidade de referências e aspectos que, de uma forma ou de outra, fizeram parte da formulação das teorias socionômica e sociométrica. Esta totalidade poderá ser encontrada em obras de referência e outros estudos já praticados.

O trabalho inicia com um breve panorama da teoria socionômica de Moreno (capítulo 2), que relata as bases fundamentais de seu pensamento, a base teórica deste trabalho em si. Esta fundamentação está dividida em quatro capítulos:

O capítulo 2.1.1 trata da definição, conceituação e ramificações da Socionomia, demonstrando a abrangência teórica do tema. O capítulo 2.1.2 apresenta a Teoria da Espontaneidade-Criatividade, doutrina fundamental do projeto socionômico e da Sociometria. O capítulo 2.1.3 discorre sobre a Teoria do Momento, definindo *locus*, *status nascendi* e *matriz*, bem como trata dos aspectos evolutivos da matriz de identidade. Encerra-se a fundamentação com o capítulo 2.1.4, tratando especificamente da Teoria dos Papéis.

A Metodologia (capítulo 3) identifica a natureza deste trabalho, qualificando-o como pesquisa teórica na busca pela proximidade entre os conceitos fundamentais da Socionomia e da Sociometria com as aplicações terapêuticas cotidianas.

Conforme se propõe neste trabalho, o capítulo 4 apresenta uma discussão teórica acerca da Sociometria, dividindo-se em três partes: um panorama da sociometria como instrumento indissociável do psicodrama (capítulo 4.1), um histórico comentado da sociometria considerando os apontamentos de Moreno (capítulo 4.2) e um estudo da sociometria como instrumento terapêutico a partir dos conceitos e bases socionômicas (capítulo 4.3).

Esta discussão teórica pretende aproximar os psicodramatistas do conteúdo fundamental da teoria socionômica que, através da Sociometria, apresenta uma base de dados mensurável e de larga aplicação nos processos terapêuticos.

Finalizando com a conclusão obtida pela pesquisa (capítulo 5), subdividindo em Reflexão (capítulo 5.1) e Considerações Finais (capítulo 5.2).

Assim, espero que esta pequena contribuição possa, de alguma forma, auxiliar na construção de procedimentos técnicos mais efetivos do ponto de vista prático.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – O PROJETO SOCIONÔMICO DE J.L. MORENO

2.1.1 – Definição, Conceitos e Ramificações

O projeto socionômico de Moreno tem como campo de pesquisa o indivíduo em situações cotidianas, em seus grupos e comunidades, ou seja, “o indivíduo é concebido e estudado através de suas relações interpessoais”. (GONÇALVES, WOLFF E ALMEIDA, 1988).

Toda a teoria moreniana parte dessa idéia do Homem em relação, e, portanto, a inter-relação entre as pessoas constitui seu eixo fundamental. Para investigá-la, Moreno criou a Socionomia, cujo nome vem do latim *sociu* = companheiro, grupo, do grego *nomos* = regra, lei, ocupando-se, portanto, do estudo das leis que regem o comportamento social e grupal. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p. 41)

Etimologicamente o conceito carrega o sentido da definição que o próprio Moreno lhe deu como sistema teórico-prático: “o estudo das leis do desenvolvimento social e das relações sociais”. (NAFFAH NETO, 1978, p. 120).

No estudo do desenvolvimento social e das relações sociais, Moreno concebe o homem como um ser social, que forma uma estrutura relacional sedimentada por forças télicas e que atua por meio de papéis.

O homem é visto por Moreno como um ser essencialmente social, um homem em relação. Co-criador do universo, uma centelha divina, agente de sua história e construtor de seu drama na convivência de seu átomo social. Concebe o homem (...) em sua dupla dimensão: individual e relacional. No nível individual, a espontaneidade é o núcleo antropológico. No nível relacional, cria um conceito de grupo - sujeito que se nutre da “tele estrutura” (força inter-relacional, cimento que mantém os grupos unidos). Esse homem, simultaneamente individual e grupal, atua por meio do “eu tangível”, ou seja, do papel. A personalidade manifesta-se na conduta por intermédio dos papéis que definem o homem. Com base na observação do desempenho de papéis dos atores espontâneos em situação, Moreno preconiza o treinamento da espontaneidade. (MARRA, 2004, p. 40).

Neste sentido, considerando-se as relações sociais e interpessoais e, que tais relações implicam, necessariamente, em ações de parte a parte, há de se considerar o termo ação como conceito fundamental e básico do projeto sacionômico moreniano.

O projeto moreniano traz como pano de fundo o elemento drama (do grego, ação); a ação no momento mesmo em que se esboça e viabiliza. É assim que Moreno propõe a Socionomia, como projeto de uma nova sociologia, que se preocupa em estudar as formações e tensões sociais no aqui-e-agora, em *status nascendi*. (KAUFMAN, 1992, p. 57)

Assim, a Teoria sacionômica está construída sobre o vínculo existente entre a pesquisa e a ação, ou seja, “uma metodologia de intervenção e pesquisa que orienta o trabalho desde a fase exploratória, passando pelo diagnóstico, pela construção do conhecimento, até o tratamento”. (MARRA, 2004, p. 38).

Porém, ação está longe de ser o único conceito sobre o qual se baseia a Socionomia. O próprio Moreno considerou como pedra angular de seu pensamento a espontaneidade e, também, a criatividade, sendo estes conceitos recursos inatos do homem. “O objetivo primeiro da sacionomia é o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade para garantir a condição do amadurecimento, a conquista da autonomia no sentir, perceber, pensar e agir, possibilitando despertar o ser ético”. (MARRA, 2004, p. 38)

O desenvolvimento da Teoria Sacionômica se deu através de três ramificações metodológicas principais: a sociometria, a sociodinâmica e a sociatria. “Três perspectivas interdependentes e complementares que visavam apreender o fenômeno social nas suas dimensões básicas, quais sejam: a estrutura, a dinâmica e as transformações (...)”. (NAFFAH NETO, 1978, p. 120)

Sendo assim, a Sociometria se ocupa, basicamente, de quantificar e qualificar as relações interpessoais existentes em um determinado grupo de indivíduos, tendo como instrumento o teste sociométrico.

A Sociatria é, segundo alguns autores, a sociometria aplicada à intervenção psicossocial e à utilização do conhecimento sociométrico às relações interpessoais e intergrupais. É a ramificação terapêutica da Socionomia, da qual faz parte o Psicodrama.

A Sociodinâmica considera-se um elo de ligação entre as outras duas ramificações no sentido de que faz o caminho entre o que foi detectado pela Sociometria, conduzindo à Sociatria. Tem como instrumento a interpretação de papéis, seja na forma de *role-playing*, seja na forma de teatro espontâneo. A Sociodinâmica estuda a estrutura dos grupos sociais, dos grupos isolados e das associações de grupos.

A Teoria Socionômica está baseada em vários conceitos advindos do pensamento moreniano. Neste trabalho serão apresentados os conceitos mais significativos, tais como: espontaneidade, criatividade, conserva cultural, matriz, *locus, status nascendi*, a teoria do momento e a teoria dos papéis.

2.1.2 – Teoria da Espontaneidade – Criatividade – Conserva Cultural

O conceito de espontaneidade começa pelo ato do nascimento. Segundo Moreno, o nascimento é o primeiro ato espontâneo de um indivíduo, não se admitindo que pudesse consistir em um evento angustiante e traumático. Pelo contrário, o rebento humano é um agente participante, desde a sua primeira entrada na cena da vida social.

O momento do nascimento é o grau máximo de aquecimento preparatório do ato espontâneo de estar nascendo para um novo ambiente a que o nascituro terá de ajustar-se rapidamente. Não é um trauma mas o estágio final de um ato para o qual foram requeridos nove meses de preparação. (MORENO, 1975, p. 105)

Para Moreno, “espontaneidade e criatividade não são nem processos idênticos nem similares. São categorias diferentes, apesar de estrategicamente unidas”. (MORENO, 1994, p. 147)

Conceitualmente a criatividade é a disponibilidade do ser humano para o ato criador; a constante possibilidade humana de produzir tesouros culturais e, ao mesmo tempo, permitir a cada ser humano um enriquecimento contínuo dele mesmo e de suas relações.

Espontaneidade, por sua vez, “é a capacidade de agir de modo adequado diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas”. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p. 47). Há de se entender que espontaneidade aqui, não significa um indivíduo

possuir controle diminuído sobre suas ações, ou seja, impulsividade, mas, ao contrário, apresentar controle e iniciativa sobre o seu próprio destino.

Moreno também não isolou a espontaneidade.

O universo é criatividade infinita. (...). A espontaneidade em si nunca produzirá uma criança, mas pode ser de inestimável ajuda no parto. O universo está repleto dos produtos da interação espontaneidade-criatividade (...). A espontaneidade pode entrar no indivíduo dotado de criatividade e evocar resposta. (...) A criatividade sem espontaneidade não tem vida. Sua intensidade vital aumenta e diminui em razão direta da espontaneidade da qual partilha. A espontaneidade sem criatividade é vazia e abortiva. (MORENO, 1994, p. 147)

Nota-se bem a interatividade entre os aspectos criativos e espontâneos, poder-se-ia mesmo dizer, que não há um sem o outro: “A criatividade é indissociável da espontaneidade. A espontaneidade é um fator que permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se”. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p. 47)

Moreno apontou quatro expressões características da espontaneidade: originalidade, qualidade dramática, criatividade e adequação da resposta.

A originalidade seria como os desenhos espontâneos das crianças e pode revelar também uma variação singular da conserva cultural tomada por modelo. Já a qualidade dramática conferiria um quê particular a atos cotidianos e triviais, constituído de novidade e vivacidade.

A criatividade está relacionada com a criação de novas formas de arte e novas estruturas ou padrões ambientais, sendo uma forma de remodelar o mundo circundante. A adequação da resposta está relacionada com a capacidade de adaptação às mudanças.

Há de se estabelecer que existe um produto do contínuo espontaneidade-criatividade. Este produto é chamado de conserva cultural.

A conserva cultural é o produto acabado do processo criador. São objetos materiais (incluindo-se obras de arte), comportamentos, usos e costumes que se mantêm idênticos em uma determinada cultura, proporcionando continuidade à herança da existência humana. “É evidente que um processo criador espontâneo é a matriz e a fase inicial de qualquer conserva cultural (...)”. (MORENO, 1975, p. 160)

De posse desta tríade (espontaneidade-criatividade-conserva cultural), Moreno montou um Campo de Operações Rotativas entre Espontaneidade-Criatividade-Conserva Cultural. Na verdade este campo procura demonstrar as interações existentes entre espontaneidade-criatividade e os produtos de tais

interações, as conservas culturais. A manifestação operacional desta interação é o processo de aquecimento.

Quando Moreno descreve o nascimento e o utiliza como modelo arquetípico para seu método, diz que, para que a criança possa nascer, é preciso que um verdadeiro processo se ponha em marcha. Só existindo esse processo poderão ter início todos os atos preparadores do parto e poderá ocorrer o ato do nascimento. Este desencadear de diversas confluências é um verdadeiro desdobramento de fatores de espontaneidade. Moreno insiste em que o processo de aquecimento manifesta-se em qualquer expressão do organismo, sempre que um ser humano se esforça para realizar um ato, e que isso ocorre como foi descrito em seu modelo. (MENEZZO, ZURETTI e TOMASINI, 1995, p. 23)

É interessante ressaltar a importância que Moreno deu à espontaneidade, considerando-a como, por assim dizer, um fator de transformação das situações prontas e acabadas; até mesmo como fator de evolução humana. Tal importância foi registrada de forma singular:

Quando Deus criou o mundo, começou por fazer de todo o ser uma engrenagem. Fez com que uma peça movesse a outra e o universo inteiro funcionaria como máquina. Isto parecia ser confortável, seguro e homogêneo. Foi quando Ele repensou sua idéia inicial, sorriu e acrescentou uma pitada de espontaneidade em cada uma das máquinas, causando intermináveis problemas desde então – bem como intermináveis prazeres. (MORENO, 1994, p. 25)

Vê-se bem que a espontaneidade é um dos aspectos fundamentais da teoria sociométrica, sendo que a relatividade com o Psicodrama foi muito bem definida por BUSTOS (1979):

Buscar a espontaneidade através de aquecimento é um dos objetivos do Psicodrama. Sem espontaneidade não há encontro. A fonte da espontaneidade é para Moreno a espontaneidade mesma. O nascimento é o primeiro ato espontâneo, a cultura em geral luta contra este ato tratando de adestrar a criança. (BUSTOS, 1979, p. 24)

2.1.3 – Teoria do Momento

Como visto, o ato do nascimento é o primeiro ato espontâneo de um indivíduo. É um momento único e singular. É neste momento que o indivíduo se inserirá em seu primeiro contexto social.

A palavra momento, nos dá noção de temporalidade e contextualidade. Justamente esta temporalidade é um dos aspectos essenciais da existência

humana. O pensamento moreniano distinguiu três fatores no momento: o *locus*, o *status nascendi* e a matriz.

Estes fatores representam fases diferentes do mesmo processo. Não existe “coisa” sem seu *locus*; não há *locus* sem seu *status nascendi* e não há *status nascendi* sem sua matriz. O *locus* de uma flor, por exemplo, está no canteiro onde cresce como tal (...). O seu *status nascendi* é o de uma coisa em desenvolvimento, tal como brota da semente. A sua matriz é a própria semente fértil. (MORENO, 1975, p. 74)

Assim, o *locus* é o lugar, espaço, em que determinado acontecimento ocorreu ou ocorre, partindo-se do pressuposto de que tudo acontece em algum lugar. O *status nascendi* é o processo de concepção para o desenvolvimento de um determinado acontecimento.

O conceito de matriz foi utilizado e entendido por Moreno como sendo um lugar de acontecimentos fundantes. Neste sentido, Moreno definiu matriz como sendo o *locus nascendi*. A matriz é uma verdadeira área de vínculos, um universo de ações e interações fundamentais e constituintes, um *locus* peculiar, o *locus nascendi*.

(...) matriz é, em si, o próprio conceito de vínculo em sua acepção mais exata. Esse conceito de matriz não deve ser considerado no sentido de um mero molde, mas como um universo de ações e interações fundamentais e constituintes; uma área onde o homem desempenha papéis protagônicos, deuteragônicos e antagônicos que determinam e marcam, no momento mesmo em que emergem originalmente, as características fundamentais de um determinado indivíduo, no processo evolutivo em que vai se constituindo. (MENEZZO, TOMASINI e ZURETTI, 1995, p. 124)

O eixo fundamental da teoria moreniana é a inter-relação entre as pessoas, o indivíduo concebido e estudado através de suas relações interpessoais. O homem moreniano é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para viver. Neste sentido, logo ao nascer, a criança é inserida em um contexto de relações sociais onde, em primeiro lugar, aparece sua mãe (primeiro ego-auxiliar), seus pais e parentes próximos. A este conjunto Moreno chamou Matriz de Identidade.

Dentro do conceito de matriz, encontramos a chamada Matriz de Identidade. Sendo essa o ponto de partida para o processo de definição de um indivíduo. “Matriz de identidade é, portanto, o lugar (*locus*) onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas dentro de um determinado

clima. O desenvolvimento do recém-nascido dar-se-á nesse *locus*". (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p. 60)

Neste sentido, a matriz de identidade é o primeiro átomo social em que a criança se insere após o seu nascimento. "O primeiro lugar de desenvolvimento e assimilação dos papéis é a 'matriz de identidade', que é a placenta social da criança". (MARRA, 2004, p. 41-42).

FONSECA FILHO (1980) desenvolveu um esquema evolutivo da matriz de identidade tendo como embasamento as teorias de Moreno e Buber, sendo importante destacar que, para estes dois autores, o ser humano é um ser cósmico, o cosmos é o seu berço de nascimento e de morte. Este esquema divide-se em 10 fases:

1 – Indiferenciação: A gravidez, a gestação e o nascimento é um momento grandioso para o pai, a mãe e o filho, mas é com a mãe que a criança tem sua relação mais estreita, até mesmo por condições biológicas (no útero e na amamentação), ambos estão envolvidos num mesmo ato.

Para o Eu-mãe existe um desvinculamento, sob este ponto de vista, do Tu-filho (apesar da forte ligação afetiva). Para a criança o mesmo não acontece. A distinção de si mesma ainda não surgiu. O Eu-filho se confunde com o Tu-mãe. Mistura suas "coisas" com as do mundo circundante. Seus elementos e os da mãe são unos. (FONSECA FILHO, 1980, p. 84)

Nesta fase a criança não sobrevive por si só, necessitando de alguém que cuide dela, que faça o que ela não pode fazer e que captem o que ela deseja.

2 – Simbiose: Nesta fase a criança vai caminhando para adquirir sua identidade como pessoa, mais ainda não consegue totalmente. Assim teríamos a criança ainda unida por uma forte ligação com a mãe.

3 – Reconhecimento do Eu: Esta fase corresponde ao processo de reconhecimento do Eu, ou fase do espelho.

Aqui a criança está passando pelo estágio do reconhecimento de si mesma, de descoberta de sua própria identidade, período em que começa a tomar consciência de seu corpo no mundo. Percebe que seu corpo está separado da mãe, das pessoas, dos objetos, passando a identificar sensações corporais.

4 – Reconhecimento do Tu – Esta fase faz parte do mesmo processo do reconhecimento do Eu, pois ao mesmo tempo em que se está reconhecendo como pessoa, se está também no processo de perceber o outro, de entrar em contato com

o mundo. Trata-se da fase em que ela descobre que o outro sente e reage em relação as suas iniciativas. Este processo de aprendizagem do outro é de suma importância para estabelecer relações satisfatórias no futuro.

5 – Relações em corredor - Nesta fase a criança adquire uma capacidade discriminatória entre a fantasia e realidade, entre o que sou Eu e o que é o resto do mundo. “A criança vai relacionando-se com os Tus de sua vida. O Tu, a esta altura, não significa só a mãe. Há um Tu de cada vez, pela frente. Executa relacionamentos em corredor”. (FONSECA FILHO, 1980, p.89).

6 – Pré-inversão – A criança passa, nesta fase, por um processo de treinamento protegido de inversão de papéis, utilizando-se de jogos de faz-de-conta para o seu desenvolvimento.

7 – Triangulação – Há a percepção de uma terceira pessoa, um Ele existente entre a criança e o seu Tu, a mãe. Nesta fase o relacionamento passa de bi-pessoal para triádico.

8 – Circularização – Representa a entrada do indivíduo na vivência sociométrica dos grupos. É a fase de socialização da criança.

9 – Inversão de papéis – Após todos os reconhecimentos (o Eu, o Tu, o Ele, o Eles, o Nós), a inversão de papéis significa captar-se a si mesmo e ao outro. É a fase culminante do processo de desenvolvimento da tele.

10 – Encontro – É um momento especial, é a situação ideal de plena capacidade de inversão de papéis.

O Encontro acontece ex-abrupto e de forma tão intensa que a espontaneidade-criatividade presente é liberada no ato de entrega mútua (princípio de entrega). É um momento “louco” que representa um momento de “saúde” da relação. Ganha a conotação de um orgasmo vital, expressa a explosão de “centelhas divinas” na fração de tempo em que acontece a perda de identidade, pessoal, temporal e espacial. As pessoas envolvidas fundem-se na “re-união” cósmica. O Encontro é a reconexão com o cosmos através dos elementos cósmicos (latentes) que todos trazem dentro de si. É voltar às origens. (FONSECA FILHO, 1980, p. 97)

2.1.4 – Teoria dos Papéis

A Teoria dos Papéis é, talvez, o aspecto mais importante da Sociometria, a ponto de certos autores a admitirem como fundamento principal.

“Moreno fundamentou a sociometria na teoria dos papéis, postulando que os papéis sociais preexistem ao modo individual no qual são desempenhados”.

(CARLSON-SABELLI, SABELLI e HALE *apud* HOLMES, KARP e WATSON, 1998, p. 191)

Entendo que Moreno deixa claro que o ponto chave de suas formulações é, sim, a espontaneidade, pois que, a partir e em torno dela, formula-se uma rede de conceitos e teorias que levaram ao desenvolvimento do Psicodrama e da própria Sociometria.

Ao mesmo tempo, a espontaneidade é um objetivo almejado nos processos terapêuticos e, efetivamente, tão valorizada por Moreno que o mesmo se referiu à necessidade das escolas, futuramente, exercitarem e formarem os indivíduos para serem espontâneos.

Contudo, não há de se submeter o papel a um patamar inferior, pois que, como visto, os conceitos e aspectos gerais da teoria são profundamente conectados e interdependentes e, neste sentido, não se deve desconsiderar os autores que elevam A Teoria dos Papéis a categoria de fundamento principal.

As teorias morenianas sempre se referem ao homem em situação, imerso no social e buscando transformá-lo através da ação. O conceito de papel que pressupõe inter-relação e ação, é central nesse conjunto articulado de teorias, imprescindível sobretudo para a compreensão da teoria da técnica terapêutica. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.66)

A melhor definição de papel foi formulada pelo próprio Moreno: “O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos”. (MORENO, 1975, p.27)

O fator principal do papel é que o mesmo é observável, Isto é, é um fenômeno objetivo que pode ser definido e contextualizado. Quer dizer, sabemos exatamente as funções determinadas por circunstâncias sociais e econômicas. Há papéis profissionais, papéis familiares, papéis institucionais, etc. Neste sentido, como fator observável, o papel se constitui, também, em fato mensurável.

Entusiasmado com a objetividade do fenômeno que estudava, Moreno argumentou que o conceito de papel era mais apropriado que o de personalidade, cujas formulações vagas impediam que fosse relacionado a fatos observáveis e mensuráveis. Definiu papel como a menor unidade observável de conduta. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.67)

Neste sentido, a definição de papel pode se tornar mais abrangente: “Papel é a unidade de condutas inter-relacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social”. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.68)

O próprio Moreno argumentou que todo papel seria uma composição de elementos particulares do indivíduo e de informações coletivas, sendo que estes papéis, e os relacionamentos entre eles, são os desenvolvimentos mais significantes dentro de uma cultura específica. “Papel é uma experiência interpessoal que só pode ser vivida e observada na relação. É uma fusão de elementos privados e coletivos que se compõe de duas partes: o diferencial individual e o denominador coletivo”. (MARRA, 2004, p. 42)

Assim, o papel possui caráter duplo, ou seja, ao mesmo tempo em que é uma conserva impessoal que passou a fazer parte da cultura (caráter coletivo), pode ser transformado e re-criado pelo homem (caráter particular).

A questão da mensurabilidade dos papéis confere a eles uma importância ímpar dentro da Teoria Sociométrica, pois que a mesma, como já visto, ocupa-se do estudo e medida das relações interpessoais. Vê-se bem que o conceito de personalidade não poderia ser aplicado neste conjunto, pois que subjetivo e imensurável.

A Teoria dos Papéis foi considerada por Moreno como parte integrante da estrutura conceitual da Sociometria. Então, a compreensão correta do papel como unidade de conduta e de suas inter-relações, são de vital importância para se conseguir efeitos terapêuticos satisfatórios.

3 – METODOLOGIA

A investigação realizada neste trabalho é de natureza teórica, ou seja, busca-se nas teorias socionômicas e sociométricas o estabelecimento da indissociabilidade entre a Sociometria e o Psicodrama, ou seja, trata-se de uma pesquisa teórica vislumbrada a partir da prática terapêutica cotidiana.

Como relatado na introdução à este trabalho, verifica-se um certo distanciamento dos futuros psicodramatistas (psicodramatistas em formação) em relação às teorias sociométricas, bem como a pequena utilização do sociograma nos trabalhos psicodramáticos, tal informação pode ser constatada pela vivência profissional e também notada por alguns autores pesquisados. Neste sentido, o retorno às bases teóricas pode auxiliar na compreensão da real importância do entendimento conceitual e, também, das aplicações práticas referendadas pela teoria.

Para tanto a pesquisa baseou-se, primeiramente, na obra de Moreno, buscando as principais bases por ele formuladas e estabelecendo conexões entre os variados conceitos e definições, sempre corroborada por outros autores e literatura disponível, conforme dispostos nas referências bibliográficas e citações presentes ao longo do texto.

Assim, através das palavras de Moreno e de estudos de outros autores, procurou-se demonstrar a qualidade indissociável entre Psicodrama e Sociometria dentro de um contexto terapêutico e socionômico.

A linha de pensamento utilizada neste trabalho é muito próxima da estrutura conceitual indicada por Moreno em “Quem sobreviverá?”, ou seja, a ordem em que as informações estão dispostas naquele livro. Adota-se tal linha para manter-se, em tese, o mais próximo possível do pensamento original de Moreno. Porém, como a obra de Moreno possui pouco rigor metodológico, à medida do necessário, os conceitos são apresentados de forma linear (não cronológica), para sua melhor

compreensão e, também, para melhor aproveitamento de seu conteúdo na condução à conclusão final.

Ao contrário, os contextos (Social, Grupal e Dramático), instrumentos (Cenário, Protagonista, Diretor, Ego-auxiliar e Público) e etapas (Aquecimento, Dramatização e Compartilhar) da prática psicodramática estão espargidos por todo o trabalho, sendo referenciados segundo a distribuição das bases teóricas aqui dispostas, em consonância com o objetivo pretendido, com a natureza teórica da pesquisa e com a linha de pensamento utilizada.

Cabe ressaltar que as raízes do Psicodrama incluem um sistema integrado de teorias filosóficas, sociológicas e psicológicas, compreendendo: uma filosofia existencial e fenomenológica, voltada para o processo, e que enfatiza a importância da criatividade; a natureza da espontaneidade, seu valor, e as maneiras de desenvolvê-la; relacionamentos pessoais mais autênticos; um teatro de improvisações como fonte de terapia de massa; e métodos para pesquisa e novas aplicações de tais princípios.

4 –SOCIOMETRIA COMO CIÊNCIA INERENTE AO PSICODRAMA

BUSTOS (1979), através das palavras de Moreno, nos mostra a verdadeira importância da sociometria dentro do psicodrama de grupo. A epígrafe deste trabalho dá a dimensão exata que Moreno deu a sociometria e ao sociograma: “Quanto melhor o terapeuta conheça o sociograma objetivo e perceptual do grupo, tanto melhores serão suas probabilidades de escolher um protagonista com quem os outros participantes possam identificar-se facilmente”. (MORENO *apud* BUSTOS, 1979, p. 58)

Demonstra-se claramente que a aplicação da teoria sociométrica dentro do desenvolvimento psicodramático será de plena contribuição para uma construção efetiva da dinâmica psicoterápica.

Moreno planejou um encadeamento entre indivíduo e grupo, entre psicodrama e sociometria. Então, da mesma forma que não haverá grupo sem indivíduo, não haverá psicodrama sem sociometria: “O problema de um membro de um grupo é freqüentemente compartilhado pelos outros. Esse indivíduo se converte em seu representante na ação”. (MORENO *apud* BUSTOS, 1979, p. 58).

Nessa mesma esteira, Moreno diz que a sociometria é uma ciência de ação, sendo três os referenciais: o *SOCIUM* (companheiro), o *METRUM* (medida) e o *DRAMA* (ação). Porém, BUSTOS (1979) indica que é freqüente o congelamento (não ação) dos terapeutas de grupo, que criam “um abismo entre a compreensão e trabalho sociométrico verbal e o trabalho dramático” (BUSTOS, 1979, p. 58). - note-se que BUSTOS ratifica, em seus termos, a minha compreensão de que o psicodrama está se reduzindo a técnicas básicas.

Também Zerka T. Moreno, indicou a tendência existente na psicoterapia de grupo de aplicar as idéias sobre o grupo antes do conhecimento do sociograma: “Freqüentemente, a abordagem nesse tipo de psicoterapia segue idéias relacionadas e enraizadas na psicanálise e na psicologia do inconsciente do

indivíduo, em vez daquelas guiadas pela dinâmica de grupo, tal como revelado na sociometria”. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 137)

É importante considerar que Moreno enfatizava que a mediação terapêutica não estava, necessariamente, relacionada com o terapeuta, mas era inerente a cada membro do grupo. Zerka T. Moreno considerou:

A sociometria lida com escolhas. Em razão de serem geralmente escritas ou realizadas na ação, as escolhas são sempre conscientes. A motivação para a escolha (...) fornece toda a percepção necessária. Pode haver motivos inconscientes para a escolha, mas, uma vez declaradas (...), não são mais inconscientes. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 137)

Então, o teste sociométrico permite-nos compreender e objetivar a estrutura de relações configuradas em um grupo. Esta rede estrutural um bom terapeuta poderá compreender por observação direta, mas o teste constrói um diagrama claro e objetivo, torna visíveis as escolhas de cada indivíduo e do grupo dependendo menos de nossas próprias atrações e rejeições a partir de onde fazemos a observação. Facilita-se, assim, o processo terapêutico do grupo.

Portanto, estamos considerando as escolhas de cada indivíduo e do grupo, não as escolhas próprias de cada terapeuta motivadas por suas impressões pessoais. Nota-se claramente o papel da sociometria dentro desse panorama: fornecer ao terapeuta o conhecimento das relações interpessoais existentes dentro de um determinado grupo, permitindo, como já dito, uma construção efetiva da dinâmica psicoterápica.

Finalmente, vê-se nas palavras de Moreno que o mesmo considerou o Psicodrama como uma técnica prática da Sociometria:

Podemos até ver, com surpresa, com que rapidez, técnicas sociométricas, como (...), o psicodrama (...), foram aceitos como certos, como técnicas provadas, enquanto as bases teóricas, (...), foram tratados com displicência, ignorados ou contrabandeados para a literatura sem que se fizesse referência à sua fonte. (MORENO, 1994, p. 156)

E acrescentou, ainda, que a Sociometria não apenas forneceria indícios de hipóteses significativas, mas seria *pré-requisito* para o uso adequado das técnicas e um processo terapêutico produtivo. Ou seja, antes a Sociometria, depois o Psicodrama.

BUSTOS (1979), finaliza: “Sem dúvida, quanto mais nos aprofundamos no tema, veremos que a Sociometria inclui em si todos os elementos teóricos que sustentam a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama”. (BUSTOS, 1979, p. 16)

4.1 – HISTÓRICO COMENTADO DA SOCIOMETRIA DENTRO DO PSICODRAMA

Moreno diz que a gênese do Psicodrama - que segundo o mesmo remonta ao ano de 1910 - está intimamente ligada com a gênese da Deidade. Sua preocupação baseou-se principalmente no “por que” e no “como” Deus criou o mundo, tentando, assim, compor em sua mente a figura de Deus no primeiro dia da criação que, como ele mesmo entendeu, fora negligenciado pela literatura - o que é verdade - resumindo assim: “A definição criativa de ‘brincar de Deus’ é o máximo de envolvimento, é colocar toda a inércia do caos no primeiro momento de ser. Tal preocupação com o *status* e *locus nascendi* das coisas tornaram-se guia de todo o meu futuro trabalho”. (MORENO, 1994, p. 25)

Esta pequena e importante “brincadeira” semeou outra idéia na mente de Moreno:

Caso Deus retornasse não viria como indivíduo, mas sim como um grupo, uma coletividade. Ele só foi um criador na proporção e extensão na qual (Ele) tomou a forma do universo – apenas na medida em que a idéia no plano humano, por exemplo, pôde tomar a forma de um grupo, de uma comunidade, que Sua existência e Sua imortalidade foi assegurada. (MORENO, 1994, p. 27)

Neste sentido, Moreno se perguntou qual seria a imagem que Deus teria do universo no primeiro dia da criação, formulando suas hipóteses: A hipótese da proximidade-espacial (quanto mais próximos dois indivíduos estão um do outro, mais devem um ao outro sua atenção) e a hipótese da proximidade-temporal (o aqui e agora requer ajuda em primeiro lugar; o que está antes ou depois do aqui e agora, em seguida).

Aqui verificamos a gênese da Sociometria dentro do Psicodrama (no ano de 1912), onde Moreno considerou possuir alguns fatores do “sistema sociométrico”: a

idéia de proximidade e métrica, o amor ao próximo, e a idéia do encontro, além da espontaneidade e criatividade. Assim, este foi praticamente o marco genético da teoria sociométrica aplicada ao Psicodrama para Moreno.

É importante ressaltar que Moreno considerou a Doutrina da Espontaneidade-Criatividade um pilar (ou em seus termos, pedra angular) da Sociometria. Assim, é interessante saber que o mesmo indicou a data de 1911 como o início dos estudos e formulação de hipóteses sobre a espontaneidade. Neste sentido, pode-se considerar tal data como fundamental.

Segundo GONÇALVES, WOLFF E ALMEIDA, 1988, a preocupação de Moreno com o social e com a dinâmica dos grupos marca seu terceiro momento criativo, que ocorreu logo após sua imigração para os Estados Unidos da América, no ano de 1925.

Moreno chegou à América impregnado pelo pensamento existencialista de uma cultura decepcionada com a guerra, questionando valores e duvidando da superioridade das ciências para a solução dos problemas humanos. Neste momento, sentiu a necessidade de “medir” as relações humanas, expressando-as em números por dados estatísticos, métodos métricos e operacionais. Houve um “choque cultural” que resultou num ato criador: a Sociometria dos grupos.

(...), mas data de 1923 a origem conceitual da sociometria. Foi a data da publicação de *Das Stegreittheater*, de minha autoria, contendo sementes de muitas das idéias posteriormente responsáveis por conduzir a sociometria à fama. Em retrospecto, o início de meu trabalho na Europa é arte indispensável de sua história, pois foi lá que tudo começou. (MORENO, 1994, p. 22)

Zerka T. Moreno afirmou que a primeira pesquisa em sociometria efetivada por Moreno foi na Escola para Meninas, em Hudson (no ano de 1932). Porém, relatou:

(...) ele também realizou sua pesquisa em várias outras escolas, então, cronologicamente, não fica claro se o trabalho em Hudson veio em primeiro lugar, ou se alguma outra pesquisa, em outro lugar, foi realizada ao mesmo tempo. Historicamente falando, ela foi realizada logo após seu trabalho na prisão de Sing Sing em 1931. (...) Ainda no início dos anos 30, ele também foi autorizado a entrar em vários outros sistemas escolares e aplicar sociometria em classes a partir do jardim-da-infância. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 141)

É importante a questão do trabalho de Moreno na prisão de Sing Sing, pois lá ele começou pelo que chamava de técnica de escolha, tendo a oportunidade de conhecer os prisioneiros, agrupá-los em celas de forma a torná-los compatíveis e terapêuticos uns com os outros, a fim de transformar a situação numa comunidade terapêutica.

Ainda em 1932, Moreno usou pela primeira vez na história das ciências sociais o termo “psicoterapia de grupo”, sendo a Sociometria um instrumento de terapêutica grupal.

Em contrapartida, o próprio Moreno relata que “a aproximação mais exata do início oficial do movimento sociométrico data de 3 a 5 de abril de 1933”. (MORENO, 1994, p. 21)

Porém, Moreno ainda conservou a data de 1923 (data da publicação de *Das Stegreiftheater*), como a data da origem conceitual da Sociometria.

Verifica-se que a cronologia não apresenta exatidão, pois que há divergências entre diversos autores e o próprio Moreno. Porém, há de se considerar que a teoria sociométrica não apareceu de repente, mas sim foi resultado de uma longa série de estudos e discussões, não podendo ser estabelecida uma data efetiva para o aparecimento do movimento sociométrico, apenas para os eventos pontuais que marcaram o desenvolvimento da teoria.

Neste sentido, Moreno propôs que o movimento sociométrico poderia ser dividido em dois grandes períodos : o axionormativo e o sociométrico.

O período axionormativo abrangeria os anos de 1911 a 1923. Neste, Moreno considerou que tanto o Marxismo como a Psicanálise teriam esgotado seu alcance teórico, sendo que estas correntes rejeitavam a religião e refutavam a idéia de uma comunidade baseada no amor espontâneo, generosidade, bondade e cooperação.

Minha posição compreendia três aspectos: primeiro, a hipótese da espontaneidade-critividade como força propulsora do progresso humano (...); segundo, a hipótese de crédito nas intenções de nossos companheiros - (...) - a hipótese do amor e da partilha mútua como princípio funcional poderoso e indispensável na vida de um grupo; e, terceiro, a hipótese de uma comunidade superdinâmica baseada nestes princípios (...). (MORENO, 1994, p. 23)

O período sociométrico iniciaria em 1923 e chegaria a 1952, sendo dividido em três outros períodos: De 1923 a 1934, da publicação de *Das Stegreiftheater* até o aparecimento de *Quem Sobreviverá?*; de 1934 a 1942, do lançamento de *A Journal of Interpersonal Relations* até abertura do Instituto Sociométrico e do Teatro de

Psicodrama de Nova York, em 1942. A terceira fase, de 1942 a 1952 “testemunha a propagação da psicoterapia de grupo, psicodrama e sociometria por todos os Estados Unidos, Europa e outras partes do mundo”. (MORENO, 1994, p. 22)

As dificuldades de se estabelecer um panorama cronológico mais exato para as contribuições teóricas de Moreno estão muito bem representadas nas palavras de BUSTOS (1979):

Comecei por compreender o quanto se exige de um gênio. Moreno o foi. Um gênio que não soube articular suas contribuições teóricas, segundo seu processo criativo, no qual descobriu primeiro o psicodrama, depois a sociometria – esta, no início, uma técnica de investigação com teste, e, a seguir, como núcleo de uma teoria. Nunca organizou e nem ordenou seus pensamentos: falta nele uma seqüência na qual se articulam sociometria/grupo/psicodrama. (BUSTOS, 1979, p. 15)

4.2 – SOCIOMETRIA

4.2.1 – Definições e Conceitos

A Sociometria pode ser definida e/ou conceituada segundo a análise puramente etimológica da palavra, segundo as próprias observações de Moreno e, também, sob os pontos de vista de diversos autores e estudiosos do pensamento moreniano e das teorias sociométricas.

Etimologicamente, a palavra sociometria deriva da junção de dois outros termos, um latino e outro grego. Há, porém, pequenas diferenças conceituais entre os autores quanto aos termos e seus significados.

Para Zerka T. Moreno, a palavra sociometria é a junção de *socius* (termo latino) com *métron* (termo grego): “*Socius* é uma palavra latina, e *métron* tem origem grega. *Socius* quer dizer ‘companheiro de jornada’, e aí você já tem: quem é o seu companheiro de jornada? É alguém com quem você faz alguma coisa em comum. *Métron* significa ‘medir’”. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 140)

Outros autores indicam que a junção poderia ser feita por *socios* (termo latino) com *metreim* (termo grego). Neste caso, *socios* significa “social” e *metreim* quer dizer “medida”, ou seja, seria a “medida do social”. Assim: “De *socios* = social e *metreim* = medida, J. L. Moreno extraiu o termo sociometria. Assim ele denominou, de início, o conjunto de técnicas por ele idealizadas para investigar, medir e estudar

os processos vinculares que se manifestam nos grupos humanos”. (MENEGAZZO, ZURETTI e TOMASINI, 1995, p. 199)

O próprio Moreno indicou sua primeira definição: “Minha primeira definição de sociometria veio, coerente com sua etimologia, do latim e do grego, mas não enfatizamos apenas a segunda parte do termo, por exemplo, o ‘*metrum*’, significando medida. Também enfatizamos a primeira parte, ou seja, o ‘*socius*’, significando companheiro”. (MORENO, 1994, p. 157)

Neste sentido, Moreno se apressou em explicar a dimensão com que pretendeu definir sociometria, não se conformando com a ênfase, apenas, da segunda parte do termo (metria, *metrum*, medida), demonstrando, assim, toda a sua real preocupação com a parte social (socio, *socius*, companheiro) envolvida na ciência e, por conseguinte, dimensionando também a sociometria dentro do panorama científico em que é aplicada:

A velha dicotomia, o qualitativo contra o quantitativo, é resolvida, dentro do método sociométrico, de maneira nova. O aspecto qualitativo da estrutura social não é nem destruído nem esquecido; é integrado nas operações quantitativas, age de dentro para fora. Os dois aspectos da estrutura são tratados juntos, como unidade. Parece-me que ambos os princípios tinham sido negligenciados, sendo que o aspecto “*socius*” fora omitido de análise mais profunda com muito mais freqüência do que o aspecto “*metrum*”. O “companheiro”, mesmo como problema, não era reconhecido. A avaliação de relações interpessoais, bem como a produção experimental de interação social nunca foram tratados com seriedade. O que resta ser investigado em uma sociedade, se os próprios indivíduos que a compõe e seus relacionamentos forem considerados de modo fragmentado ou por atacado?. (MORENO, 1994, p. 157)

Conforme visto, Moreno ampliou a definição etimológica da palavra, tentando inferir não apenas o significado, mas também o seu próprio ponto de vista sobre a real definição de sociometria e o alcance que deveria possuir tanto o aspecto “*socius*” como o aspecto “*metrum*”. Para Moreno, o termo não poderia se tornar ambíguo a ponto de se negligenciar qualquer dos aspectos envolvidos ou, até mesmo, contrapô-los.

Assim, podemos verificar que a palavra sociometria significa medição do social. Porém, uma definição curta e um pouco mais precisa seria dizer que: Sociometria é o conjunto de técnicas para investigar, medir e estudar as relações, contatos e processos vinculares que se manifestam nos grupos humanos.

Zerka T. Moreno foi mais sucinta: “(Sociometria é) a medida das relações humanas. (...). Na sociometria medimos o contato e a interação humana”. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 140)

Porém, a pura definição etimológica da palavra não nos oferece todo o contexto científico envolvido na sociometria, ou seja, o termo não oferece a dimensão total do que se pretende realizar e oferecer.

Moreno se referiu a um Movimento Sociométrico, falava da Sociometria em seu sentido mais amplo “e da influência direta e indireta que exerceu em todos os ramos da ciência social nos últimos trinta anos”. (MORENO, 1994, p. 127). “Refiro-me à Sociometria que caminhou sob vários rótulos e disfarces e que sofreu muitas modificações, como dinâmica de grupo, pesquisa de ação, análise de processo e interação, etc”. (MORENO, 1994, p. 127)

Para se ter idéia desses vários rótulos e disfarces aos quais Moreno se referiu, bem como às modificações, cito alguns: teoria da espontaneidade e avaliação da espontaneidade, teoria das relações interpessoais e de ação, a revisão do método experimental nas ciências sociais, a avaliação de relações interpessoais e de grupos, o surgimento gradual de uma sociologia experimental, a abordagem experimental da teoria dos papéis, conhecida como *role playing*, psicodrama e sociodrama, entre outros.

Vê-se bem aqui a dificuldade de se estabelecer uma cronologia exata para o aparecimento e desenvolvimento da Sociometria.

Este conjunto de teorias foi o que Moreno chamou de Movimento Sociométrico, ou seja, um movimento de estudos diretamente ligados às relações humanas. Entendo, porém, que a palavra movimento pode ter também um sentido bastante literal, referindo-se à constante evolução, modificação e crescimento da teoria sociométrica dentro dos estudos sociais.

Zerka T. Moreno indica que a sociometria se ocupa das “relações humanas em termos de interações de papéis com os outros significativos no nível privado, profissional e da comunidade”. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 138)

Moreno ainda informa que havia “considerável consenso entre as lideranças no círculo dos cientistas sociais ao atribuir à sociometria ampla definição”. (MORENO, 1994, p. 127).

Estas definições foram citadas por Moreno. Porém, a maioria delas não se ocupou de dar a qualidade contextual necessária a Sociometria, sendo que se entende o alcance da visão de Moreno por sua própria definição:

O que precisamente é sociometria? A pedra angular da sociometria é sua “Doutrina da Espontaneidade e Criatividade”. Criou metodologia experimental aplicável a todas as ciências sociais que, gradualmente, possibilitará algo como uma ciência da sociedade. Ela atribui status de pesquisa aos seus sujeitos ao transformá-los em atores participantes e capazes de avaliação; uma ciência social torna-se sociométrica à medida que dá aos membros do grupo status de pesquisa e que se habilita a avaliar suas atividades; trabalha com grupos presentes ou futuros e desenvolve procedimentos que podem ser usados em situações reais. Enfatiza, com igual veemência, tanto a dinâmica de grupo e a ação do grupo, como sua medição e avaliação. Nos primórdios da sociometria a medição se limitava a contar, por exemplo, palavras, atos, papéis, escolhas e rejeições (...). Tais formas ingênuas e rudes de medição constituíram-se primeiro passo indispensável antes do estabelecimento das unidades padronizadas de validade universal. (MORENO, 1994, p. 129)

4.2.2 – Fundamentos da Sociometria

Conforme visto anteriormente, a Sociometria foi sendo elaborada ao longo de vários anos, não só por Moreno, mas por vários outros pensadores e intelectuais que, contribuíram para o seu aperfeiçoamento.

Neste sentido, talvez, a Sociometria possua fundamentos e bases infundáveis que se perderam ao longo da trajetória de formulação desta teoria. Porém, o próprio Moreno se encarrega de facilitar a determinação das bases teóricas, não sem antes expressar sua surpresa com a displicência ao tratamento dado a estas mesmas bases:

Podemos até ver, com surpresa, com que rapidez, técnicas sociométricas, como o sociograma, o teste sociométrico, a análise de pequenos grupos, o *role playing*, o psicodrama e o sociodrama, foram aceitos como certos, como técnicas provadas, enquanto as bases teóricas, os conceitos do ator *in situ*, do alter-ego ou ego auxiliar, da espontaneidade, criatividade, tele, aquecimento, átomo social, redes psicossociais de comunicação, efeito sociodinâmico, etc, foram tratados com displicência, ignorados ou contrabandeados para a literatura sem que se fizesse referência à sua fonte. (MORENO, 1994, p. 156)

Mais uma vez nota-se a importância da Sociometria. Na evolução de todo seu projeto Moreno considerou que o Psicodrama é uma técnica sociométrica. Porém, há de se ressaltar a questão de que o Psicodrama é um método terapêutico que se utiliza dos resultados obtidos pela Sociometria. Moreno, nesta citação, refere-

se muito mais ao que ele chamou de Movimento Sociométrico e, que o levou a um pensamento maior, a Socionomia.

Há, ainda, uma pequena, mas importante consideração: “A Sociometria, na essência, contém a seqüência conceitual do pensamento de Moreno, cujo eixo é que, para qualquer postulação teórica, é necessário partir-se do princípio donde ela emerge: o vínculo”. (BUSTOS, 1979, p. 16)

Segundo MOYSÉS AGUIAR (1990) o vínculo pode ser basicamente definido como a inter-relação entre dois ou mais indivíduos, que em seu conjunto estruturam um átomo social, sendo subdividido em três categorias: O vínculo atual, que é a inter-relação entre os indivíduos concretos que participam de uma dada situação, ainda que ausentes; o vínculo residual, a relação estabelecida com indivíduos que se retiraram, por morte, ou afastamento vincular definitivo; e, vínculo virtual, estabelecido com figuras arquetípicas, personagens fictícios ou distantes (príncipe encantado, padrinho, etc).

O átomo social é o núcleo de relações que se formam em torno de um indivíduo, sendo a menor estrutura social. “Ao olhar a estrutura detalhada de uma comunidade, vemos a posição concreta de cada indivíduo nesta estrutura e, também, o núcleo de relações em torno de todos os indivíduos, (...). este núcleo de relações é a pequena estrutura social em uma comunidade, um átomo social” (MORENO, 1994, p. 158)

O átomo social, antes de se identificar conceitualmente com a menor estrutura elementar ou material (o átomo), é um fato, não um conceito. “O átomo social é um fato, não um conceito, pois é constituído de pessoas reais que compõem o mundo pessoal afetivo do sujeito, suas relações tele”. (MENEGAZZO, ZURETTI e TOMASINI, 1995, p. 33)

A aplicação prática desta base teórica pode ser bastante bem visualizada em SILVA DIAS (1996): “O ÁTOMO SOCIAL serve para se pesquisar a estrutura social atual do cliente, e sua maior indicação está no início da psicoterapia. O terapeuta tem uma visão global das relações atuais do cliente, assim como pode “ver” seu cliente pela visão das pessoas que convivem com ele” (SILVA DIAS, 1996, p. 63)

Ressalta-se que o átomo social é estruturado por um conjunto de vínculos estabelecidos entre dois ou mais indivíduos.

Quanto existe a união dos átomos sociais verifica-se a formação de redes sociométricas, ou seja, as redes sociométricas são correntes complexas de inter-relações compostas por diversos átomos sociais (nem sempre evidentes). Tais redes formam-se a partir dos diversos papéis que cada um desempenha (familiar, profissional, etc).

Moreno ainda acrescentou outros aspectos ao átomo social: “Podemos discernir padrão de atração, repulsa e indiferença no limite entre indivíduos e grupos. Esse padrão é chamado de ‘átomo social’”. (MORENO, 1994, p.173)

Além do vínculo, a formação do átomo social está associada à um outro fator importante, chamado por Moreno de Tele.

É diferente e mais difícil, entretanto, descrever o processo que atrai indivíduos uns para os outros ou que os repele, aquele fluxo de sentimentos que, aparentemente, entra na composição do átomo social e das redes. Este processo pode ser concebido como tele. (MORENO, 1994, p. 158-159)

O conceito de Tele tem muito a contribuir para a Sociometria como base teórica, pois que a Sociometria lida com as relações humanas e escolhas e, essas escolhas são feitas sob determinados contextos existenciais.

Tele implica um conceito existencial e totalizador, intelectual, afetivo, biológico e social. A abandonar o acaso em nossa infância, começa a seleção. Buscamos sociometricamente aqueles que complementem positivamente nossos objetivos, rechaçamos outros ou permanecemos indiferentes a terceiros. Quando se dá o encontro, existe a certeza e não são necessárias verbalizações de confirmação. (...) Deste modo sabemos que é o fator tele que está funcionando. (BUSTOS, 1979, p. 17)

Neste sentido, quanto mais relações télicas existirem dentro de um grupo, maior será a eficiência terapêutica deste grupo: “É a mutualidade de escolhas positivas que contribui para a coesão grupal e a eficiência do grupo. Isso é mais bem construído quando se permite que as pessoas expressem e ajam de acordo com suas escolhas”. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 140)

Zerka T. Moreno ainda afirmou a consideração de Moreno de que a tele seria o fator responsável pela formação de grupos, sendo a tele definitivamente relacionada com o repertório de papéis que uma pessoa tem na vida.

A tele está diretamente relacionada com a sociometria. As pessoas derivam um sentimento de substância no mundo ao ter suas ações vistas e refletidas pelos demais. A tele é a

referência do ser humano no mundo. Sem ela, seríamos como os animais, dirigidos apenas por instintos. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p. 148)

Moreno ainda considerou a tele potencial, ou seja, uma tele existente que pode ou não se manifestar entre dois indivíduos:

Temos de presumir, no momento, (...), que algum processo real na situação de vida de uma pessoa é sensível e corresponde a algum processo real na vida de outra pessoa e que há vários graus, positivos, negativos e neutros, destas sensibilidades interpessoais. A tele entre dois indivíduos quaisquer pode ser potencial. Pode nunca ser ativada a não ser que estes indivíduos se aproximem ou que seus sentimentos e idéias se encontrem à distância, através de algum canal, como o são, por exemplo, as redes. (MORENO, 1994, p. 159)

Neste sentido, nota-se claramente a importância do grupo, como processo terapêutico, na tentativa de se estabelecer a tele. Ela é responsável direta pela formação dos átomos sociais e, num padrão maior, das redes sociométricas, pois que a tele potencial entre dois ou mais indivíduos poderá ser ativada pelas técnicas sociométricas, entre elas o Psicodrama, favorecendo o aumento do rendimento dos processos terapêuticos.

O fator tele, assim como a espontaneidade, demonstra mais claramente a indissociabilidade entre Sociometria e Psicodrama. Seus conceitos, definições e aspectos teóricos são, invariavelmente, encontrados nos capítulos referentes à Sociometria nas mais diversas publicações, mas sempre dentro da Teoria Sociométrica.

Em contraposição ao fator tele está a transferência. Para Moreno a transferência é um processo patológico da tele. “A transferência é então compreendida por Moreno em termos de papéis complementares em interação”. (BUSTOS, 1979, p. 19)

Assim, o processo terapêutico consiste basicamente em transformar a transferência em tele. Para que isso aconteça, assim como os conceitos de encontro e catarse, é preponderante que se transforme o indivíduo em ator. Este ator é que representará papéis através de uma atuação controlada e terapêutica. Moreno apresenta o conceito de “*ator in situ*”, que pode ser definido como sendo o indivíduo representando determinados papéis no momento da dramatização.

O conceito de “*ator in situ*”, como base teórica, contribui para o fato de produzir condições nas quais fatos significativos de relações humanas ocorram e,

neste sentido, possa se produzir condições para que se ative a tele potencial entre dois ou mais indivíduos dentro de um determinado grupo.

A estrutura material interna do grupo só é vista, raramente, na superfície da interação social; e, mesmo assim, ninguém sabe ao certo se esta estrutura é cópia exata da estrutura interna. Portanto, para produzir condições por meio das quais a estrutura interna possa tornar-se visível – operacionalmente – os “organismos” do grupo devem tornar-se “atores”. (...) O organismo no campo torna-se o “*ator in situ*”. (MORENO, 1994, p. 165)

A transformação de indivíduos em atores, no entanto, não é caracterizada por um processo, por assim dizer, imediato. Há a necessidade de uma preparação inicial, uma primeira etapa, que se denomina aquecimento. O aquecimento determinará um protagonista e a dramatização.

O processo de aquecimento se manifesta em qualquer expressão do organismo, sempre que um ser humano se esforça para realizar um ato. Moreno utilizou suas observações sobre os processos de aquecimento (a partir do modelo arquetípico do nascimento) para desenvolver modos terapêuticos de operação e sistematizar técnicas do psicodrama.

Assim, o processo de aquecimento possibilitará a transformação de indivíduos em atores. Estes atores é que, através dos papéis representados, serão veículos das ações durante as interações existentes.

Observa-se toda uma cadeia teórica que possibilitou o desenvolvimento das técnicas psicodramáticas, MORENO (1994) enfatizou:

Ao pesquisar os níveis de aquecimento da pessoa é mais proveitoso observar o processo de cima para baixo: primeiro o ator, depois o organismo e só, então, o ato. Não é possível produzir atos sem que exista organismo e não é possível tornar seu organismo produtivo a menos que ele se torne ator. Não é possível estudar o ator ao inverso, se ele não for capaz de agir assim. Só será possível estudá-lo à medida que sua produtividade for emergindo durante o tempo em que estiver sendo estudado. (MORENO, 1994, p. 165)

Moreno considerou o Ego-Auxiliar um dos cinco instrumentos do Psicodrama, sendo indispensável como elemento necessário para a compreensão do processo interpessoal (note-se que compreensão do processo interpessoal nada mais é que um aspecto sociométrico) que se desenvolve no cenário. “A função do ego-auxiliar é a de um ator que representa pessoas ausentes, como elas aparecem na vida privada do paciente, segundo as percepções que tem dos papéis íntimos ou

das figuras que dominam seu mundo”. (MENEGAZZO, ZURETTI e TOMASINI, 1995, p. 77)

Todos estes conceitos são extremamente relevantes para se atingir um ponto esperado nas terapias psicodramáticas, a catarse. Para que a catarse se produza, é necessário conseguir-se um estado de *comunitas*, ou seja, um sentimento de solidariedade e de comunidade dentro do grupo.

Segundo MENEGAZZO, ZURETTI E TOMASINI, (1995), Moreno considerou a catarse um “fenômeno que se produz juntamente com a realização espontânea e simultânea de todo um processo de criação, já que vai se desenvolvendo com a própria dramatização”.

Tal como ocorre com todas as formas de expressão afetiva, a catarse se dá de forma espontânea e involuntária, ao sabor do momento. Aqui a palavra “emoção” é tomada em seu sentido literal – do latim: *e-movere*, que significa mover-se para fora -, transmitindo a idéia da expressão externa de algo interno. Mas a catarse difere de outras expressões afetivas por sua intensidade, crueza e primitivismo, bem como pela distorção de tempo e espaço onde o “aqui-e-agora” é tomado como “lá e então”. (KELLERMANN, 1998, p. 89-90)

A catarse pode ser ativa (ou de ação, ou ética), passiva (ou estética) ou de integração. Basicamente a catarse ativa produz mudanças além dos espectadores, também, nos atores ou participantes ativos das representações dramáticas. A catarse passiva, ao contrário, atua especificamente no espectador.

A catarse de integração pode ser entendida como um ato fundante de transformação. Para Moreno, estes atos fundantes podem ser comparados a novos nascimentos (MENEGAZZO, ZURETTI E TOMASINI, 1995).

Todo fenômeno de catarse de integração, para ser considerado como tal, deve ser constituído pelos três momentos implicantes que, (...), integram a operação de compreensão: momento intelectual ou simbólico; momento emocional ou catártico propriamente dito; momento axiológico ou fundante. (MENEGAZZO, ZURETTI e TOMASINI, 1995, p. 46)

No momento intelectual, são re-esclarecidos os papéis e vínculos conflitantes. No momento emocional entra a discriminação, a situação e a reatualização dos estados afetivos da cena mítica. No momento axiológico surge no protagonista um valor novo que sustentará uma nova conduta e uma nova maneira de se relacionar.

4.2.3 – Teoria das Relações Interpessoais

Esta teoria se baseia no conceito do Encontro e possui forte influência da pesquisa científica do fator tele. “O encontro é a experiência essencial da relação tética”. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.52). “A teoria das relações interpessoais baseia-se na ‘díade primária’, a idéia e experiência do encontro de dois atores, o evento concreto-situacional preliminar a todas as relações interpessoais”. (MORENO, 1994, p. 168)

É interessante ressaltar que muitas das palavras utilizadas por Moreno, palavras que muito valorizava, não correspondem à sua definição literal. Muito mais que isso, estavam impregnadas de sentidos e aspectos existenciais e sociais. Encontro é uma dessas palavras (verifique-se também a palavra espontaneidade). “O encontro de que fala Moreno não pode ser marcado como um horário”. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.52)

Como se sabe, Moreno passou por fases distintas na elaboração de suas teorias: uma fase religiosa, outra literária e, por fim, a fase científica. Com relação ao *encontro*, a fase científica está representada pela pesquisa com o fator tele.

Como já dito, o fator tele influi fortemente na formulação básica do encontro:

Pessoas capazes de relações téticas estão em condições favoráveis para viver relacionamentos marcantes e transformadores. E, além disso, estão disponíveis para viver a experiência privilegiada, do momento de plena compreensão mútua. Trata-se de um instante muito especial, que apaga tudo que está ao redor e fora do puro encontro entre os dois envolvidos. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.52)

Muito mais que somente influir, alguns autores ponderam que Moreno considerou o conceito de tele e o encontro, sinônimos: “Para Moreno, a palavra encontro e o conceito de tele são sinônimos. Não apenas as relações de atração ou amistosas, mas também as hostis e de choque (choque para o encontro) são fundamentais para chegar a um encontro autêntico”. (MENEGAZZO, TOMASINI e ZURETTI, 1995, p.81)

Não há como estabelecer o mesmo significado às palavras tele e encontro, ainda que muito próximas entre si. Tele seria muito mais um meio, um veículo por assim dizer, e encontro, momento destino proporcionado pela tele. Lembre-se que tele, conforme definiu Moreno, seria um “fluxo de sentimentos que (...) entra na composição do átomo social e das redes”. (MORENO, 1994, p. 158-159)

Encontro significa muito mais do que vaga relação interpessoal. Significa que dois ou mais atores se encontram, não apenas para se defrontarem, porém, para viverem e experimentarem um ao outro, como atores por direito nato, não como encontro forçado “profissional”. (...). Em um encontro, as duas pessoas estão lá, espacialmente, com toda a sua força e toda a sua fraqueza, dois atores humanos fervendo de espontaneidade e apenas, parcialmente, conscientes de seus objetivos mútuos. Somente pessoas que se encontram podem formar grupo natural e começar verdadeira sociedade de seres humanos. (MORENO, 1994, p.169)

Note-se aqui, novamente, o conceito de espontaneidade e a efetiva preocupação de Moreno com a formação social e o aprimoramento humano. Verifica-se claramente o encadeamento dos conceitos e teorias por ele elaboradas. Indissociáveis e, ao mesmo tempo, com linhas tênues de separação entre as definições, sentidos e aspectos pesquisados.

Neste sentido, todas estas experiências (tele, encontro, espontaneidade) são a base da teoria sociométrica de Moreno. São destinos ao qual seu pensamento julgou ser o alcance desejado, até necessário para o desenvolvimento social. Para tanto, elaborou técnicas sociométricas como o Psicodrama.

Aí se apresenta a grande dificuldade na compreensão do Psicodrama como técnica sociométrica e não como teoria apartada da Sociometria. Pois que o Psicodrama é historicamente anterior à Sociometria, ainda que a mesma tenha sido estudada através do que Moreno chamou de Movimento Sociométrico a partir de 1911.

Porém, a Sociometria apresenta, sim, a base teórica indispensável para a perfeita compreensão das técnicas dramáticas e de grupo, os conceitos e aspectos envolvidos, por si só, demonstram indiscutivelmente a precedência da Sociometria sobre o Psicodrama. Ou não seriam a tele, o encontro e a espontaneidade qualidades desejadas nos processos dramáticos e de grupo para um desenvolvimento terapêutico mais efetivo?

4.2.4 – O Átomo Cultural

Já foi verificada a base teórica átomo social, onde o indivíduo é o foco de inúmeras atrações e repulsas, sendo a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento.

Porém, o indivíduo também é foco de inúmeros papéis relacionados a papéis de outros indivíduos, ou seja, para cada indivíduo existe um grupo de papéis e contrapapéis.

O padrão focal das relações de papéis ao redor do indivíduo é chamado de seu átomo cultural. (...). O adjetivo “cultural” pode ser justificado ao considerarmos papéis e relacionamentos entre papéis como o desenvolvimento mais importante dentro de uma cultura específica. A organização sócio-atômica de um grupo não pode ser separada de sua organização cultural-atômica. Os dois átomos, cultural e social são manifestações da mesma realidade social. (MORENO, 1994, p.173)

Note-se a importância da Teoria do Átomo nas aplicações Psicodramáticas. Na medida em que o indivíduo se insere socialmente, a partir de seu nascimento, em ambientes sociais (família, trabalho, grupos de amigos, etc) ele participará de interações sociais e culturais. Essas interações estarão ligadas a seus sentimentos, escolhas e decisões (interação social) e aos papéis ou condutas desempenhados (interação cultural).

Estes aspectos não deixam de estar presentes, objetivamente ou subjetivamente, na dinâmica psicodramática. Neste sentido, a compreensão destas unidades funcionais representa objeto significativo no desenvolvimento técnico dos processos terapêuticos.

4.2.5 – Ciência da Ação

Entender-se-á ação como sendo o efeito proporcionado por qualquer ato. Em Psicodrama podemos entender como sendo o conjunto de atitudes, gestos e palavras que os atores representam no cenário psicodramático durante as interações existentes.

Como efeito, ação deriva de atos e estes, segundo Moreno, não podem ser produzidos sem a existência de um ator produtivo. Assim, nos ensinou:

Ao pesquisar os níveis de aquecimento da pessoa é mais proveitoso observar o processo de cima para baixo: primeiro o ator, depois o organismo e só, então, o ato. Não é possível produzir atos sem que exista organismo e não é possível tornar seu organismo produtivo a menos que ele se torne ator. (MORENO, 1994, p.165)

Ora, na prática o processo de aquecimento e a dramatização serão tanto mais produtivas enquanto nos preocuparmos com o aspecto teórico destacado por Moreno com relação ao ato e suas conseqüentes ações.

A ação é o desencadeamento de processos de emissão concomitantes e co-implícitos, em diferentes níveis. É o conjunto de mensagens - coincidentes ou dissonantes entre si - emitidas em diversos códigos durante a interação, com o objetivo explícito de serem percebidas, mas que também podem expressar algum significado controlado de modo consciente para que não se manifeste. (MENEGAZZO, TOMASINI e ZURETTI, 1995, p.14)

No mesmo sentido em que Moreno procurou diferenciar organismo de ator, diferenciou também comportamento de ação. “Uma ciência de ação começa com dois verbos, ser e criar, e com três substantivos, atores, espontaneidade e criatividade.” (MORENO, 1994, p.176-177)

Neste sentido, há de se compreender que a ciência da ação só será possível em uma coletividade de atores. Estes atores serão tanto melhores quanto melhor for o desempenho das sessões psicodramáticas e que tratem de uma variedade de contextos sociais e culturais. Assim, tudo interligado de forma muito delicada.

Moreno ainda volta a se referir, quando trata de ação, das bases fundamentais da Sociometria:

Uma genuína teoria de ação e atores trabalha com categorias de ação e potenciais de interação como a espontaneidade, a criatividade, o aquecimento, o momento, o encontro, o alter-ego ou ego auxiliar e outras categorias que expressam o nível co-experimental do mundo de um ator no grau de ação. (MORENO, 1994, p.177)

Contudo, nota-se que Moreno não chegou a definir o que seria ação, ainda que muitos autores ofereçam definição para o termo. Dedicou-se a investigar o sentido da ação e de seu valor terapêutico. Há, porém, um pressuposto: “A experiência da ação livre, isto é, espontânea, e correspondendo aos verdadeiros anseios do sujeito, permite-lhe recuperar suas melhores condições (incluindo os fatores E e T) para a vida criativa”. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.75)

As bases da Sociometria mais uma vez se repetem, como em praticamente todo o trabalho de Moreno. Assim, é pressuposto básico que a Teoria Sociométrica seja inerente às técnicas aplicadas no desenvolvimento prático. Não se pode abnegar ao conhecimento teórico no sentido de fazer com que o Psicodrama torne-se uma teoria dissociada da realidade sociométrica imaginada por Moreno.

4.2.6 – O Teste Sociométrico – O Sociograma

O teste sociométrico é o instrumento pelo qual examinamos as estruturas sociais medindo os fluxos de atração e repulsa existentes entre os indivíduos de um grupo com a finalidade de esclarecer a organização dos vínculos que constituem esta mesma estrutura social. “O teste sociométrico é um método de investigação, que tem como objetivo facilitar a compreensão das redes de vínculos que configuram a estrutura dos grupos humanos”. (BUSTOS, 1979, p.31)

Moreno entendeu que os termos atração e repulsa são mais abrangentes que escolha e rejeição, utilizados no campo das relações interpessoais, sendo que atração e repulsa abrangeriam grupos além do grupo humano onde também existem configurações sociais equivalentes. Assim, Moreno se referiu a impulsos instintivos, não apenas a decisões racionais.

Para a aplicação do teste sociométrico é preponderante existir um critério que cada caso exigirá. Este critério validará sociometricamente o teste estimulando as estruturas sociométricas distintas. “A pergunta “Quem você prefere neste grupo?” não tem qualquer validade sociométrica se não houver critério. Para trabalhar, para estudar, para passear, etc. são critérios distintos (...)”. (MENEGAZZO, TOMASINI e ZURETTI, 1995, p.68)

Zerka T. Moreno concordava que o critério era um limite para um determinado papel, e vice-versa, sendo que as influências mútuas entre os papéis pertencem a critérios diversos.

Moreno nunca perguntou: “De quem você gosta?”, ou “De quem você não gosta?”. Ele nunca usou essas palavras. Ele perguntava: “Com quem você gostaria de trabalhar?”, ou “Com quem você gostaria de estudar?” (...). Os estudos não-sociométricos não conectam o “gostar” com os verbos “fazer isso ou aquilo com” porque esses pesquisadores não são pesquisadores da ação; eles são observadores, e não fazedores. A Sociometria e a interação entre papéis estão intimamente ligadas; sem um verbo, considerando-se que verbos são palavras que designam ações, a pesquisa é sociometricamente inválida, e não deveria ser designada dessa forma. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p.164)

Note-se que o teste sociométrico não possui funções apenas terapêuticas. Ele pode ser utilizado em inúmeras situações sociais como instrumento para uma possível reorganização de um determinado grupo no sentido de promover mais eficiência. Podemos citar, a exemplo prático de situações não terapêuticas, a

distribuição de quartos para concentrações de times de futebol, a formação de equipes de profissionais para a execução de um determinado trabalho, grupos escolares, etc. “O teste sociométrico pode ser aplicado em qualquer circunstância, onde se torna necessário uma reorganização de vínculos, distribuição de tarefas e, no caso de grupos terapêuticos, quando se deseja investigar a estrutura interna do mesmo”. (BUSTOS, 1979, p.31)

A título de citação, Dalmiro Manuel Bustos propôs o Teste da Mirada em função de suas observações de que o teste sociométrico produziria efeitos, por assim dizer, negativos e, nesse sentido, “contaminado pelo conhecimento explícito das escolhas dos demais membros do grupo”. (BUSTOS, 1998, p. 81)

Saliento que não se trata, aqui, de definir ou explicar o Teste da Mirada. A citação é apenas um exemplo de que a ciência sociométrica evolui a partir de sua apresentação inicial.

O teste sociométrico produz uma apresentação prática e palpável. Esta apresentação é denominada Sociograma. Basicamente o sociograma é um diagrama de círculos concêntricos desenhado para se objetivar as redes relacionais de um determinado grupo. Moreno o considerou mais que um método de apresentação.

É, primeiramente, método de exploração. Torna possível a exploração de fatos sociométricos. A colocação correta de cada indivíduo e todas as inter-relações de indivíduos podem ser mostradas em um sociograma. No momento, é o único esquema disponível que possibilita a análise estrutural de uma comunidade. (MORENO, 1994, p.196)

No sociograma os vínculos são esboçados a partir de sinais (positivo, negativo e neutro) com cores determinadas. Duas pessoas com mutualidades são unidas por uma linha com cor correspondente ao sinal podendo-se, assim, observar claramente as diferentes configurações.

Os estudos sociométricos demonstram que o status de um indivíduo no grupo pode ter menos relação com a personalidade do que com o grau de aceitação e respeito mútuos. É a mutualidade de escolhas positivas que contribui para a coesão grupal e a eficiência do grupo. Isso é mais bem construído quando se permite que as pessoas expressem e ajam de acordo com as suas escolhas. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p.138)

Note-se aqui a importância da exploração dos papéis de cada indivíduo (aspecto objetivo) em contraposição à sua personalidade (aspecto subjetivo),

conforme visto na Teoria dos Papéis. Observando-se a personalidade não será possível a construção de um sociograma efetivo, pois que grandeza imensurável.

Estas observações e citações servem para demonstrar que o teste sociométrico, como método e instrumento de estudo das relações interpessoais baseado na Teoria Sociométrica, permite um resultado mais efetivo nas dinâmicas sociais. Até mesmo quando negativos (conforme as avaliações de Bustos), pois, ainda que os efeitos indesejados se tornem aparentes, aparentes também se tornam as dificuldades que se pretende explorar e trabalhar.

Extrapolando-se a observação, notamos a precedência da Sociometria sobre as dinâmicas e métodos que se propõe investigar as redes vinculares de uma determinada população ou grupo e, nesse mesmo sentido, a precedência da Sociometria sobre o Psicodrama enquanto método sociométrico e intervenção terapêutica.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociometria, como ciência, não trata, em seu contexto geral, de patologias psicológicas e procedimentos terapêuticos. É ciência abrangente do ponto de vista do estudo das relações interpessoais e seus aspectos relevantes. É nesse ponto que, como teoria e ciência social, indica-se a Sociometria como fundamento primordial do Psicodrama. “A sociometria é um conceito “guarda-chuva”, que lida com a essência do encontro humano numa rica variedade de papéis e de contrapapéis”. (T. MORENO, BLOMKVIST e RÜTZEL, 2001, p.138)

Entende-se ainda, por este trabalho, que o aperfeiçoamento da espontaneidade, enquanto base fundamental da Teoria Sociométrica, é o objetivo primordial estabelecido por Moreno a ser atingido com a aplicação da técnica psicodramática, no sentido da adequação das respostas individuais frente as mais variadas situações sociais.

(...) É preciso compreender o espírito dos escritos de Moreno: sua proposta primordial é a adequação e do ajustamento do homem a si mesmo. Nesse sentido, ser espontâneo significa estar presente às situações, configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.47)

Há também que se considerar a profunda conexão entre os elementos teóricos e bases fundamentais da Sociometria. Tal conectividade está demonstrada ao longo deste trabalho através de citações e impressões pessoais. Esta situação implica na formação de um conjunto referencial único e ajustado, uma ciência social que implementa objetivamente a exploração dos fenômenos existentes nas relações interpessoais.

Ainda que Moreno não tenha organizado seu trabalho, causando as dificuldades de uma melhor evidência cronológica e, até mesmo, guardada as devidas proporções, de uma tabulação mais didática de suas teorias, a reflexão

sobre o contido em seus livros, além da colaboração de outros autores e pensadores, indica a direção defendida neste trabalho: A Sociometria como ciência indissociável do Psicodrama, como fundamento teórico e como marco expressivo na pesquisa das relações interpessoais.

No início deste trabalho me propus a apresentar a Sociometria como ciência indissociável do Psicodrama. Neste sentido, entendo que tal objetivo foi alcançado, seja pelas citações, seja pelas próprias impressões pessoais.

A conectividade estabelecida entre os diversos conceitos aqui explorados, permite a consideração de uma teoria diversificada, mas, ao mesmo tempo, um conjunto único aplicável, não só ao Psicodrama, mas a todos os métodos e instrumentos que pretendem explorar as relações humanas. “O novo sistema de teorias e conceitos não apenas dá indícios importantes para hipóteses significativas; é, também, pré-requisito importante para o uso apropriado das técnicas e estabelecimento de experimentos produtivos”. (MORENO, 1994, p.157)

Como ciência, a Sociometria nos fornece os elementos necessários para compreender os mecanismos e aspectos relevantes para a construção de uma dinâmica social mais efetiva. O Psicodrama, enquanto método e instrumento terapêutico, utiliza tais elementos na medida em que lidamos com suas relações internas e externas.

Assim, a Sociometria fornecerá ao Psicodrama os elementos necessários para a construção de um procedimento terapêutico mais efetivo.

Finalmente, durante a produção deste trabalho, me deparei com uma reflexão bastante interessante:

A Sociometria, como teoria e ciência, pode se apresentar, em análise livre e como última consequência, uma “Conserva Cultural”, um produto acabado, por assim dizer, do pensamento de Moreno. O produto terminado do processo criador sobre o qual nos debruçamos e tentamos compreender, analisar e, até mesmo, tabular.

Porém, Moreno imprimiu tanta importância à espontaneidade a ponto de a considerar um fator de transformação das situações prontas e acabadas; até mesmo como fator de evolução humana.

Neste sentido, nos deixou uma tarefa: “Para o progresso futuro das ciências sociais, é de grande importância que uma ciência da sociometria seja estabelecida e

delineada e que sua relação com outras ciências, definida”. (MORENO, 1994, p. 155)

Ou seja, Moreno não entendeu que sua criação fosse pronta e acabada, nem mesmo assim considerou. Não se contradisse quanto aos seus pensamentos com relação à espontaneidade, quanto à evolução social da humanidade e da adequação das respostas. Deixou-nos livres para aperfeiçoar sua teoria e dela extrair, cada vez mais, a maximização positiva das relações humanas.

Penso que, só talvez, a falta de organização de seus pensamentos tenha sido proposital, a ponto de nos fazer refletir sobre a própria conectividade entre seus pensamentos, a evolução da ciência sociométrica, as relações interpessoais, a evolução da humanidade e a vida, fervilhando de criatividade e espontaneidade.

Neste momento, Moreno, estando onde estiver, deve estar sorrindo, até mesmo rindo destas observações.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Moysés. *O teatro terapêutico – escritos psicodramáticos*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- BLATNER, Adam, BLATNER Allee. *Uma visão global do psicodrama – Fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Ágora, 1996.
- BUSTOS, Dalmiro M. *Novas cenas para o psicodrama - O teste da mirada e outros temas*. São Paulo: Ágora, 1998.
- BUSTOS, Dalmiro M. *O teste sociométrico - Fundamentos técnicas e aplicações*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- COSTA, Ronaldo P. da (Org.). *Um Homem à frente de seu tempo - O psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora, 2001.
- FONSECA FILHO, José S. *Psicodrama da loucura – Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 1980.
- GONÇALVES, Camilla S., WOLFF, José R., e ALMEIDA, Wilson C. de. *Lições de Psicodrama - Introdução ao pensamento de J.L. Moreno*. São Paulo: Ágora, 1988.
- HOLMES, Paul, KARP, Marcia, e WATSON, Michael (Orgs). *O psicodrama após Moreno - Inovações na teoria e na prática*. São Paulo: Ágora, 1998.
- KAUFMAN, Arthur. *Teatro Pedagógico - Bastidores da iniciação médica*. São Paulo: Ágora, 1992.

- KELLERMANN, Peter F. *O psicodrama em foco e seus aspectos terapêuticos*. São Paulo: Ágora, 1998.
- MARRA, Marlene M. *O agente social que transforma - O sociodrama na organização de grupos*. São Paulo: Ágora, 2004.
- MENEGAZZO, Carlos M., TOMASINI, Miguel A., e ZURETTI, Maria M. *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. São Paulo: Ágora, 1995.
- MORENO, Jacob L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____, Jacob L. *Quem sobreviverá?*. Goiânia: Dimensão, 1994.
- MORENO, Zerka T., BLOMKVIST, Leif D., e RÜTZEL, Thomas. *A realidade suplementar e a arte de curar*. São Paulo: Ágora, 2001.
- ROJAS-BERMUDEZ, Jaime G. *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.